



FOLKSONOMIAS COMO FERRAMENTA DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

FOLKSONOMIES AS TOOL OF ORGANIZATION AND REPRESENTATION OF INFORMATION

Richele Grenghe Vignoli¹
Patrícia Ofélia Pereira de Almeida²
Maria Elisabete Catarino³

RESUMO: Este artigo buscou caracterizar apropriadamente as folksonomia em relação a sua inserção na Organização e Representação da Informação e na Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação. Dessa forma, foi possível demonstrar que as folksonomias na Ciência da Informação estão alicerçadas com aportes teóricos da Organização e Representação do Conhecimento, no entanto, nesse caso, as folksonomias compõem apenas os estudos da Organização Social do Conhecimento, o que seria outro enfoque dos componentes da Organização do Conhecimento na Ciência da Informação. Defende-se, neste artigo, que as folksonomias fazem parte do escopo de Organização e Representação da Informação e que suas *tags*, frutos da indexação social pelos usuários, podem ser utilizadas como ferramentas auxiliares na elaboração de vocabulários controlados pelos Profissionais da Informação.

PALAVRAS-CHAVE: Folksonomia. Organização da informação. Representação da informação. Folksonomia na organização e representação da informação.

ABSTRACT: *This paper aims to appropriately characterize the folksonomies regarding their inclusion in the Information Organization and Representation and in the Knowledge Organization and Representation in Information Science. Thus, it was possible to demonstrate that folksonomies in Information Science are grounded in theoretical contributions of the Knowledge Organization and Representation; however, in this case, folksonomies make up only studies of the Social Organization of Knowledge, which would be another focus of components of Knowledge Organization in Information Science. It is argued in this article that folksonomies are part of the scope of the Information Organization and Representation and that their tags, fruits of social indexing by users, may be used as auxiliary tools in the development of controlled vocabularies by Information Professionals.*

KEYWORDS: *Folksonomy. Information organization. Information representation. Folksonomy in organization.*

¹ Docente do Depto de Ciência da Informação da UEL. Mestranda do PPGCI da UEL. Londrina – PR – Brasil. E-mail: rivignoli@gmail.com

² Bibliotecária no Sistema de Bibliotecas da UEL. Mestranda do PPGCI da UEL. Londrina – PR- Brasil. E-mail: pereira@uel.br

³ Doutora em Tecnologias e Sistemas de Informação pela Universidade do Minho (Portugal, 2009) Professor adjunto no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina e diretora do Sistema de Bibliotecas da universidade. Londrina – PR- Brasil. E-mail: beteca@uel.br

Recebido em: 05/09/2013 – **Aceito em:** 06/03/2014

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) utiliza diversos instrumentos para o tratamento da informação, dentre os quais se podem destacar os sistemas de Classificação Decimal Universal (CDU) e Classificação Decimal de Dewey (CDD), tesouros, cabeçalhos de assunto e vocabulários controlados. Esses instrumentos visam principalmente à padronização da classificação dos assuntos, das palavras-chave atribuídas e dos termos indexados em cada documento. A utilização desses instrumentos reflete a preocupação da CI com a informação e com o conhecimento, no que tange sua organização e representação, o que proporciona eficácia na recuperação.

Fora do contexto profissional do tratamento da informação está a atuação do indivíduo que a utiliza. Todo usuário de informação tem sua maneira própria de organizá-la, o que não significa que seus métodos sejam necessariamente eficientes e eficazes, pois muitas vezes utiliza termos que não têm significação real no objeto informacional indexado. Ainda assim, na visão desse sujeito, sua forma de organização é a que lhe parece mais adequada.

Nesse contexto surge a folksonomia, que é a atuação do usuário na atribuição de termos empregados para organizar, representar e recuperar objetos informacionais no ciberespaço, de forma a colaborar e compartilhar informação com outros usuários em espaços virtuais, como as redes sociais e *sites* com recursos *Web 2.0*.

Dessa forma, ainda que haja espaço para inúmeras discussões acerca do assunto, pondera-se, essencialmente, neste artigo, que exista na literatura da CI uma confusão latente a respeito da caracterização das folksonomias enquanto elemento da Organização da Informação (OI) e Representação da Informação (RI) e Organização do Conhecimento (OC) e Representação do Conhecimento (RC). Em outro momento da discussão deste artigo, analisar-se-á como as folksonomias podem ser utilizadas pelos Profissionais da Informação e conseqüentemente na CI.

2 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A organização é uma característica necessária para o ser humano sob diversos aspectos, como pessoal, familiar e ensino. Mesmo que de forma inconsciente ou pouco valorizada, está presente em todo tipo de tarefa, das mais simples às mais complexas. De acordo com Café e Sales (2010, p. 117), “Em uma visão mais ampla, podemos dizer que precisamos organizar para compreender o mundo e nos comunicarmos melhor.”

No contexto da informação, McGarry (1999, p. 11) afirma que “A informação deve ser ordenada, estruturada ou contida de alguma forma, senão permanecerá amorfa e inutilizável.” De acordo com os preceitos do autor, a informação que não recebe tratamento adequado para ser recuperada posteriormente será apenas um dado armazenado e se não pode ser utilizada como insumo para novos conhecimentos, é como se não existisse.

A Organização da Informação é muito valorizada pela CI desde a explosão do crescimento industrial e das pesquisas em ciência e tecnologia em meados de 1950/1960, o que provocou também um intenso crescimento da produção científica (CINTRA et al, 2002, p. 33).

A CI investiga, dentre outras características, as propriedades, o comportamento, o fluxo e os meios de processamento da informação, com objetivo de potencializar sua acessibilidade e usabilidade (BORKO, 1968). Nesse aspecto, a OI é o primeiro passo no desenvolvimento de recursos que viabilizem, posteriormente, sua recuperação. Dessa forma, entende-se que a informação tem que ser organizada para que possa ser disseminada e recuperada. São etapas do tratamento da informação que recebem procedimentos distintos com relação ao estudo e pesquisa da área de CI, mas que estão diretamente relacionadas e coexistem, ou seja, só é possível disseminar e recuperar a informação que foi organizada adequadamente.

Brascher e Café (2008) categorizam a OI como um processo descritivo de tratamento dos objetos informacionais, cujo produto é a Representação da Informação. Segundo as autoras, a RI pode ser “[...] entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico”

(BRASHER; CAFÉ, 2008, p. 5), para a RI, objeto informacional pode ser entendido como textos, imagens, registros sonoros, enfim, uma unidade de informação organizável. A RI é vista por Tonello, Lunardelli e Almeida Júnior (2012) como o principal foco da CI.

A RI, de forma autêntica, tem papel fundamental na organização (LUNARDELLI; GALLEMBECK, 2012, p. 175). Representar é como reapresentar, ou apresentar de forma diferente. Alvarenga (2003, p. 20) enfatiza que a definição do termo *representar* significa “[...] o ato de colocar no lugar de [...]”, como uma nova forma de apresentar o documento, sem perder seu significado e valor.

Corroborando isso, Novellino (1998, p. 137) destaca que a:

Representação da informação é a substituição de uma entidade linguística longa e complexa - o texto de um documento - por sua descrição abreviada. Sua função é demonstrar a essência do documento. A representação da informação é um processo primeiro da transferência da informação e necessário para enfatizar o que é essencial no documento, considerando sua recuperação.

Portanto a RI trabalha no sentido de tornar um objeto informacional e representá-lo de forma sucinta, clara, de rápido entendimento, de forma que não seja necessário ter acesso ao documento na íntegra para conhecer seu conteúdo.

A construção da RI é um processo cognitivo que pode receber influências das características do Profissional da Informação que, por sua vez, executa o tratamento da informação com foco nas características de seu usuário. Nesse processo se incluem “[...] as etapas de percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação.” (ALVARENGA, 2003, p. 21).

Em complemento a isso, Bernardino et al (2011, p. 2) apontam que “Representar tematicamente é atribuir um significado ao objeto”, é garantir que o documento possa ser recuperado diante da elaboração de estratégias de busca em sistemas de informação. Isso pode ser aplicado na representação formal da informação, isto é, quando um profissional especializado atribui termos controlados para representar e registrar o conteúdo de documentos; ou informal, quando utiliza dos termos desenvolvidos por usuários em ambientes *web*, como em folksonomias por meio de *tags*.

2.1 As principais relações da OI e RI com a OC e RC

Existem algumas divergências acerca do uso dos termos Organização da informação e organização do conhecimento, visto que, segundo Brascher e Café (2008, p. 2), “Por vezes o termo organização do conhecimento é utilizado no sentido de organização da informação e vice-versa e, em determinadas situações, empregam-se os termos conjuntamente – organização da informação e do conhecimento.”

Em um primeiro momento, pode-se considerar que existe apenas uma linha tênue que separa o significado desses termos e que essa diferença poderia não ser tão importante, principalmente se ponderado que alguns autores tratam informação e conhecimento com sentidos semelhantes. No entanto, para delimitar e visualizar a diferença entre os termos, e ainda como aporte teórico para esta discussão, adota-se nesse cenário a visão de Brascher e Café (2008, p. 5), a qual afirma que no contexto da OI e da RI o objeto são os registros de informação, ou seja, o mundo dos objetos físicos, das coisas tangíveis, diferente da OC e da RC, que se referem ao mundo dos conceitos, das ideias, dos objetos intangíveis.

A proposta conceitual das autoras supracitadas é que:

A **OI** compreende, também, a organização de um conjunto de objetos informacionais para arranjá-los sistematicamente em coleções, neste caso, temos a organização da informação em bibliotecas, museus, arquivos, tanto tradicionais quanto eletrônicos. A **organização do conhecimento**, por sua vez, visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade. (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 6, grifo nosso).

Com base no exposto, a OI está no contexto dos objetos informacionais físicos, palpáveis, na informação registrada tanto no meio impresso quanto no virtual, individualizando esses objetos de acordo com suas características próprias.

A OC se situa no campo dos conceitos e no cognitivo, tendo como foco a ideia que se tem a respeito de um objeto, suas características, sua classificação em um contexto e seus relacionamentos de hierarquia e associação. Essa organização se faz visível nos diferentes tipos de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs): sistemas de classificação, cabeçalhos de assunto, arquivos de autoridade, redes semânticas, ontologias, taxonomias, dicionários, glossários e tesouros (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 8).

Esses instrumentos visam representar o conhecimento de maneira sistemática e estruturada, pois apresentam em seu conteúdo o resultado de “[...] um processo de análise conceitual de um domínio do conhecimento [...]” (BRANDT; MEDEIROS, 2010, p. 112). São instrumentos utilizados pelo Profissional da Informação na organização do conhecimento humano, com objetivo de torná-lo recuperável aos usuários por meio da informação neles contida.

3 FOLKSONOMIA

O termo folksonomia - *Folk* (povo) + *sonomy* (taxonomia) – foi criado pelo arquiteto da informação, Thomas Vander Wal, em 2004, que o conceituou como:

Folksonomy is the result of personal free tagging of information and objects (anything with a URL) for one's own retrieval. The tagging is done in a social environment (usually shared and open to others). Folksonomy is created from the act of tagging by the person consuming the information. (WAL, 2007).

Conforme Wal (2007), qualquer informação com um *Uniform Resource Locator* (URL) pode constituir uma folksonomia, ou seja, pode ser etiquetada colaborativamente na *web*. A folksonomia, portanto, ocorre em ambientes *web*, como também explicam Brandt e Medeiros (2010, p. 112): “Folksonomia é o resultado do processo de etiquetagem, também chamado de classificação social, de recursos da *web*.”

Para Moreiro González (2011, p. 46), folksonomia é definida como um “[...] modo de indexação cooperativa que adota palavras-chave para representar a informação de maneira espontânea e livre.” Já Guedes, Moura e Dias (2011, p. 40-41) definem-na como “[...] espaços colaborativos caracterizados por uma intensa troca, fluxos e mediação de informações bem como pela geração de conhecimento por parte dos usuários que ali interagem.” Os espaços colaborativos ou cooperativos a que os autores se referem estão presentes na *Web 2.0*, de acordo com o seu precursor, Tim O’Reilly (2006), são ambientes em que os usuários constroem e compartilham informações a todo momento.

Segundo Wal (2007), a folksonomia foi construída exatamente para este fim, o compartilhamento entre usuários em ambientes *web*, e deve possuir três princípios: 1) *tag*; 2) objeto marcado; 3) identidade, que juntos farão com que a

informação etiquetada não possua ambiguidade e possa ser recuperada. Porém o *Del.icio.us*⁴ ou o *Flickr*⁵, que se destacam como recursos pioneiros na utilização de *tags*, ainda não conseguiram apresentar informações sem ambiguidade, algo que parece impossível em folksonomias.

Wal (2007) adota o termo etiquetar, ou utilizar etiquetas (*tags*), para indexar conteúdos na *web* de forma colaborativa. As *tags*, abreviação de *tagging*, são as etiquetas sociais, as palavras-chave ou termos que os usuários utilizam para indexar seus conteúdos. Para Catarino e Baptista (2007), a etiquetagem social representa o ato de etiquetar do próprio usuário da informação, o que significa que quem indexa a informação não é o autor nem o profissional da informação. Portanto, o ato de etiquetar uma informação na *web* de forma social ou coletiva é definido por etiquetagem social (*social tagging*) (GUEDES; MOURA; DIAS, 2011).

A partir disso, a etiquetagem social, ou indexação social, pode ser compreendida como “[...] uma modalidade de indexação caracterizada pelo uso da linguagem natural, orientada pela necessidade dos sujeitos que a manipulam e pela natureza do contexto que manifesta.” (GUEDES; MOURA; DIAS, 2011, p. 42). Nesse sentido, em folksonomias, a indexação ocorre em contexto adverso ao das linguagens controladas utilizadas por Profissionais da Informação, já que o vocabulário passa a ser construído pelos usuários (os próprios consumidores da informação), que utilizam a linguagem livre para etiquetar ou indexar seus conteúdos (GUEDES; MOURA; DIAS, 2011).

Nessa perspectiva de indexação social, “Deve-se, então, privilegiar, para a inclusão de termos no sistema, a terminologia do usuário e não a dos documentos/objetos informacionais.” Dessa forma, o foco está na escolha dos termos pelos usuários e não com base nos documentos. Ademais, os usuários indexam para uso próprio assim como para recuperação posterior da informação (BRANDT; MEDEIROS, 2010).

Brandt e Medeiros (2010) explicam que na folksonomia os usuários descrevem objetos de informação. Os objetos informacionais em folksonomias são, para Mai (2011, p. 114), “[...] information and documents, including books, journal articles,

⁴ Disponível em: <<http://delicious.com>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

⁵ Disponível em: <<http://www.flickr.com>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

resources, photos, images, video clips, web pages, blog entries, etc.; [...] for anything that someone has created to expressed ideas, opinions, claims or facts [...].” Conforme Mai (2011), qualquer objeto informacional na *web* pode ser passível de indexação social em uma folksonomia. Para Silva e Silva (2009), a folksonomia pode ser também aplicada em eventos científicos, para etiquetar coletivamente as publicações, fotos e *blogs* relacionados.

Em relação ao tipo de indexação social do objeto, Moreiro González (2011) apresenta dois tipos distintos de folksonomias: a Folksonomia Genérica (*broad folksonomy*) ou relacionada, que ocorre quando diversos usuários etiquetam o mesmo objeto, e a Folksonomia Específica (*narrow folksonomy*), que ocorre quando uma ou poucas pessoas etiquetam um mesmo objeto.

Catarino e Baptista (2007) explicam que as folksonomias podem ser um processo/produto ou um sistema/metodologia/abordagem ou o próprio processo. A folksonomia como processo ou produto demonstra o resultado final da etiquetagem pelo usuário ou, ainda, a *tag* ou termo originado da indexação. De acordo com Catarino e Baptista (2007), a folksonomia como um processo ou produto da etiquetagem social é assim aceita por seu criador, Thomas Wander Wal.

Em relação à folksonomia como um sistema, metodologia, abordagem ou o próprio processo, as autoras explicam que, nesse caso, “[...] o conceito está representando o processo de criação das folksonomias, e não apenas como um resultado deste processo.” (CATARINO; BAPTISTA, 2007, p. 117). Sob este aspecto, as folksonomias seriam o meio e não o fim.

De qualquer forma, as folksonomias representam um recurso utilizado por usuários virtuais de todo o ciberespaço, o que demonstra o seu potencial, aceitação, por conseguinte denotam um fenômeno em constante observação e estudo. Ademais, esses usuários, por meio das folksonomias, criam conteúdos por intermédio de seus conhecimentos, etiquetando/indexando, transformando-os em informação passível de análise e tratamento pelo Profissional da Informação, o que é, portanto, de interesse da CI.

4 AS FOLKSONOMIAS NA ORGANIZAÇÃO E/OU REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO NA CI

Apesar das distinções entre a folksonomia e a indexação social realizada por um ou por vários usuários, Guedes, Moura e Dias (2011, p. 53) acentuam que “As tags de uma folksonomia revelam as marcas da subjetividade. Apesar de a etiquetagem acontecer em um ambiente coletivo, a atribuição de significado a uma tag é historicamente individual e única.” Nesse sentido, a indexação sempre será uma ação cognitiva única e só posteriormente compartilhada entre os demais usuários da *web*. Trata-se, então, do conhecimento de um usuário, dos processos de sua mente que produzirão um termo, palavra-chave ou *tag*, que remeterá ao objeto informacional. Sob esse ponto de vista, a etiquetagem social pode ser compreendida também como uma ação **altamente individualizada** e só posteriormente, quando compartilhada, social de fato.

Assim, “Esse mundo cognitivo do usuário não deve ser melhor representando do que se gerado pelo próprio usuário.” (BRANDT; MEDEIROS, 2010, p. 115). Nesse sentido, segundo as autoras, nenhuma outra forma de Representação do Conhecimento está tão diretamente ligada ao mundo cognitivo e às necessidades do usuário do que as folksonomias. Entretanto essa Representação do Conhecimento de cada usuário por meio de *tags* é ou pode ser explicitada a apenas um grupo ou comunidade específica ou somente a um indivíduo.

Na literatura científica, a folksonomia não é inserida nos SOCs, ou seja, não é considerada um recurso formal para organizar o conhecimento. Isto acontece, principalmente, porque a Organização do Conhecimento é pautada em conceitos e seus relacionamentos (BRASCHER; CARLAN, 2010), que são elementos que não constituem em essência as folksonomias.

Brandt e Medeiros (2010, p. 117, grifo do autor) relatam que “Nas folksonomias, as etiquetas (*tags*) representam termos, mas o que é ativado no processo cognitivo [...] são os conceitos, ou seja, a estrutura é construída a partir dos conceitos fornecidos pelos usuários.” No entanto discorda-se de que as *tags* possuam conceitos tais quais reconhece a OI, como palavras constituídas de sentido e significado.

Nesse aspecto, Sinha (2005) esclarece que em folksonomias os termos não possuem conceito. Se não possuem conceito, não podem representar o conhecimento, já que “[...] os componentes essenciais dos Sistemas de Organização do Conhecimento, são os conceitos, uma vez que esses são as unidades básicas do conhecimento.” (BRASCHER; CARLAN, 2010, p. 155). Em verdade, os conceitos utilizados pelos usuários na indexação social não estão imbricados de significados ou definições como ocorre a conceitos. Podem ser apenas palavras que não apresentam conceitos concretos ou constituídos, a não ser para quem as criou.

Na Terminologia, área dedicada ao estudo dos termos, deve haver a contextualização dos conceitos, já que esses precisam representar significados, definições, e não são, portanto, definidos ao acaso. Nas folksonomias, os termos ou as palavras-chave empregados podem ser apenas produtos da língua falada, com significados que só caberão para o seu criador, ou seja, palavras que nada significam ou que nada recuperam no coletivo e principalmente no quesito científico.

Conforme Brandt e Medeiros (2011), o usuário indexa seus conteúdos de forma aleatória e às vezes nem ao menos percebe que acabou de indexar alguma informação. Assim, “A arbitrariedade da seleção dos agrupamentos e relacionamentos não pode ser vista, no entanto, como algo totalmente aleatório. Ela se deve aos aspectos que desejamos destacar numa determinada representação do conhecimento.” (BRASCHER; CARLAN, 2010, p. 156).

Com intuito de acentuar a discussão a respeito do caráter confuso das folksonomias na CI, Brandt e Medeiros (2010, p. 117, grifo nosso) evidenciam que “Conclui-se então que a folksonomia, se considerada como um esquema de representação do conhecimento, estará inserida [...] na **organização social do conhecimento.**”

Como visto, as folksonomias incorporariam um esquema de OC, mas somente no viés do conhecimento social. Isto posto, as folksonomias certamente não podem ser consideradas como um SOC. Ademais, acredita-se que as folksonomias podem até representar o conhecimento social, mas não poderão, de forma alguma, organizá-lo estruturalmente, até mesmo porque esse não é objetivo do recurso. Para uma estruturação e tratamento das *tags*, seria necessária a atuação do Profissional da Informação.

Neste prisma, “[...] as práticas de indexação nos espaços sociais semânticos dotados de folksonomias revelam o poder da linguagem como meio de interação para alcançar significados de informação nos processos de organização documentária.” (GUEDES; MOURA; DIAS, 2011, p. 54). Mas em SOCs, os termos utilizados nas folksonomias trariam novamente problemas já conhecidos em sistemas de organização sem linguagens controladas, como a falta de vocabulário controlado, o que impossibilita a recuperação da informação.

5 A FOLKSONOMIA NA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Com foco no conceito de Catarino e Baptista (2007), acredita-se que as *tags* das folksonomias podem ser utilizadas pelos Profissionais da Informação, fato que torna possível a utilização e o estudo das folksonomias na CI.

O conjunto de etiquetas (*tags*) atribuídas pelos usuários para a descrição dos recursos é denominado Folksonomia. Essas *tags* imprimem variedade e riqueza à descrição de recursos Web, que anteriormente era realizada quase exclusivamente por profissionais da informação ou pelos próprios autores. (CATARINO; BAPTISTA, 2012, p. 141, grifo do autor).

Para Moreiro González (2011), a folksonomia permite conhecer os termos mais empregados pelos usuários, o que pode ser uma vantagem do recurso, já que assim é possível agregar os termos na construção de vocabulários controlados. Desse modo, as folksonomias podem ser fontes utilizadas apenas como uma ferramenta auxiliar na criação de vocabulários controlados compatíveis com os SOCs. Outra vantagem é que as folksonomias podem apresentar como os termos “[...] evoluem de acordo com as tendências e segundo as comunidades que os empregam.” (MOREIRO GONZÁLEZ, 2011, p. 49). Conforme Brandt e Medeiros (2010), como a informação é etiquetada pelo próprio usuário, pode ocorrer a garantia de uso, já que foi o próprio usuário quem a indexou.

Assim, para Moreiro Gonzáles (2011), as folksonomias são úteis para a recuperação da informação pelo próprio usuário. Nesse viés, folksonomias não são recomendadas para organizar informação para uso específico, como em bases de dados,

o que demonstra uma das principais desvantagens do recurso para organizar o conhecimento.

Silva e Silva (2010) explicam que as limitações da folksonomia contribuem para problemas relacionados à falta de padronização dos termos, que acabam por possuir sinonímia e ambiguidade, o que dificulta a estruturação de sistemas controlados e organizados para a recuperação da informação.

Em relação às desvantagens ou debilidades das folksonomias, Moreira González (2011) explica que existe a falta de controle de sinônimos e de palavras no singular ou plural; que a ambiguidade é alta; que não existe qualquer tipo de normas ou padrões para indexar os termos, além da carência de hierarquia.

O fato é que a folksonomia é um fenômeno no contexto da *Web 2.0* e nas redes sociais, e é aí que ela se aplica de forma favorável. Invariavelmente, as folksonomias representam os usuários que indexam o conhecimento construído, seja individual ou coletivamente, em ambientes *web* e para ambientes *web*. Nesse caso, a folksonomia é, portanto, uma forma do usuário organizar o conhecimento, mas em ambientes descontraídos, sem regras ou padrões adotados, muito diferente dos SOCs, que são voltados principalmente para a organização do conhecimento científico das inúmeras áreas do saber existentes.

Para Mai (2011, p. 121), os “Information professionals need to consider how their role and authority are being pushed by the emergence of social media, and how users might best be supported to engage actively in meaning-making and collaboration.”

Isto posto, acredita-se que a folksonomia não é e nem pode ser considerada como ferramenta para indexar a informação ou o conhecimento em SOCs ou em Unidades de Informação. Entretanto, a folksonomia pode ser uma ferramenta auxiliar para que o Profissional da Informação não deixe de participar de ambientes *web* emergentes e para que possa, assim, conhecer as necessidades e interesses informacionais da comunidade em que atua, transformando o conhecimento por esses usuários desenvolvido em linguagem controlada. Talvez essa seja a maior contribuição da folksonomia para a Ciência da Informação.

6 BREVES CONSIDERAÇÕES

A utilização e consolidação das folksonomias nas Redes Sociais e *sites* da *Web* 2.0 que permitem a inserção de conteúdos é indiscutível. Constata-se que etiquetar ou recuperar informações na *web* por meio de *tag* se tornou ação comum e automática, fato que demonstra a importância dos estudos das folksonomias para a CI.

Acredita-se que as *tags* resultantes das folksonomias podem ser utilizadas para que o Profissional da Informação tenha mais proximidade com os termos e palavras que uma determinada comunidade adota em sua organização virtual de conteúdos. Ademais, pressupõe-se que as folksonomias podem ser utilizadas como ferramentas auxiliares na elaboração de novos termos tratados pelo Profissional da Informação e que poderão compor um vocabulário controlado.

Porém não são encontradas justificativas plausíveis ou científicas para considerar a folksonomia como recurso **formal** da OC e RC, visto que a ferramenta estará quase sempre perpetuada de ambiguidade e sem qualquer tipo de hierarquia e padronização. Poder-se-á considerá-la como recurso para a Organização Social do Conhecimento, uma outra vertente da OC e RC, e principalmente como ferramenta para organizar e representar a informação. Portanto defende-se que as folksonomias são parte da OI e RI e não de objetos específicos da OC e RC.

A *tag*, por sua falta de padronização e estruturação, não pode ser adotada como um termo em um vocabulário controlado da unidade de informação, mas pode ser uma ferramenta auxiliar a ser utilizada na classificação de assuntos relacionados, mediante tratamento das *tags* mais recorrentes atribuídas pelos usuários, pois, dessa forma, evidencia a importância e relevância do conteúdo do objeto informacional.

Dessa forma, neste artigo, as folksonomias são consideradas como ferramenta da OI e da RI, visto que podem auxiliar no trabalho do Profissional da Informação e como insumo científico para pesquisas na CI. Não se pode negar o fenômeno da etiquetagem social assim como a massiva participação de usuários nas Redes Sociais etiquetando suas informações. Nesse contexto, também se torna inegável a necessidade de estudos da Biblioteconomia e da CI com objetivo de compreender e se aprofundar nas questões que envolvem o usuário e o Profissional da Informação em ambientes *web*.

Por fim, acredita-se que o assunto abordado neste artigo não se finda, pelo contrário, apenas se inicia como entendimento plausível das folksonomias como ferramenta auxiliar da OI e RI e para aprofundamento pelo Profissional da Informação, que deve estar inserido em ambientes *web*, investigando as necessidades de seus usuários e principalmente como esses indexam seus conteúdos.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 15, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p18/5233>>. Acesso em: 6 jul. 2013.
- BERNARDINO, M. C. R. et al. Representação temática da informação em periódicos científicos brasileiros na área de Ciência da Informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió, 2011. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/188/413>>. Acesso em: 15 jun. 2013.
- BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation, ABI/INFORM Global**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.5090190103/pdf>>. Acesso em: 16 maio 2013.
- BRANDT, M.; MEDEIROS, M. B. B. Folksonomia: esquema de representação do conhecimento? **TransInformação**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 111-121, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=322>>. Acesso em: 06 jul. 2013.
- BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ECA/USP, ENANCIB, 2008. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.
- BRASCHER, M.; CARLAN, E. Sistemas de organização do conhecimento: antigas e novas linguagens. In: ROBREDO, J.; BRASCHER, M. (Org.). **Passeios pelos bosques da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento**. Brasília: IBICT, 2010. p. 147-176. Disponível em: <<http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2013.

CAFÉ, L.; SALES, R. Organização da informação: conceitos básicos e breve fundamentação teórica. In: ROBREDO, J.; BRÄSCHER, M. (Org.). **Passaios no bosque da informação**: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. p. 115-129. Disponível em: <<http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

CATARINO, M. E.; BAPTISTA, A. A. Folksonomia: um novo conceito para a organização de recursos na web. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun07/Art_04.htm>. Acesso em: 22 jun. 2013.

CINTRA, A. M. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002.

GUEDES, R. M.; MOURA, M. A.; DIAS, E. J. W. Indexação social e pensamento dialógico: reflexões teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 40-59, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10477>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

LUNARDELLI, R. S. A.; GALEMBECK, P. T. A metarrepresentação do assunto em resumos de textos científicos: reflexões iniciais de uma proposta de estudos. In: CERVANTES, B. M. N. (Org.). **Horizontes da organização da informação e do conhecimento**. Londrina: Eduel, 2012. p. 173-191.

MAI, J. E. Folksonomies and the new order: authority in the digital disorder. *Knowledge Organization*, v. 38, n. 2, p. 114-122, 2011. Disponível em: <http://jenserikmai.info/Papers/2011_folksonomies.pdf >. Acesso em: 10 jul. 2013.

MCGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 206 p.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a web**: elementos conceituais. Salvador: EDUFA, 2011. 310 p.

NOVELLINO, M. S. F. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 137-146, jul./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003245&dd1=d0789>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

O'REILLY, T.. **O que é web 2.0**: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de softwares. Tradução Miriam Medeiros. Disponível em: <<http://pressdelete.files.wordpress.com/2006/12/0o-que-e-web-20.pdf> >. Acesso em: 12 jun. 2013.

SILVA, J. V.; SILVA, S. R. P. **Gerenciamento de vocabulário de tags do usuários em sistemas baseados em folksonomia**. 2009. Disponível em: <http://www.researchgate.net/profile/Sergio_Roberto_Da_Silva/publication/224827640_Gerenciamento_do_Vocabulrio_de_Tags_do_Usurio_em_Sistemas_Baseados_em_Folksonomia/file/9fcfd509a74db623ab.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

SINHA, R. **A cognitive analysis of tagging (or how the lower cognitive cost of tagging makes it popular)**. 2005. Disponível em: <<http://rashmisinha.com/2005/09/27/a-cognitive-analysis-of-tagging/>>. Acesso em: 14 maio 2013.

TONELLO, I. M. S.; LUNARDELLI, R. S. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. . Palavras-chave: possibilidades de mediação da informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 21-34, ago. 2012. Disponível em: <www.pontodeacesso.ici.ufba.br>. Acesso em: 07 jul. 2013.

WAL, T. W. **Folksonomy**. 2007. Disponível em: <<http://www.vanderwal.net/folksonomy.html>>. Acesso em: 08 maio 2013.

Como citar este documento:

VIGNOLI, Richele Grengé; ALMEIDA, Patrícia Ofélia Pereira de; CATARINO, Maria Elisabete. Folksonomias como ferramenta da organização e representação da informação. **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, SP, v.12, n.2, p.120-135, maio/ago. 2014. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>>. Acesso em: 30 maio 2014.